

EXPOSIÇÃO 34^a RBA

A ANTROPOLOGIA NA UFMG ENTRE OS ANOS 1940 E 1992: presenças na FAFICH e na FACE



A exposição considera a inserção do ensino e da pesquisa em antropologia em duas faculdades da UFMG desde os anos 1940 até 1992. Nesse intervalo temporal acontecem a V e a XVIII Reunião Brasileira de Antropologia, respectivamente nos anos 1961 e 1992. Serão exibidas reportagens jornalísticas sobre os dois eventos, com imagens e informações inexistentes nos arquivos da Associação Brasileira de Antropologia.

Serão mostrados também programas de ensino, publicações, correspondências passivas, registros de pesquisa de campo e depoimentos de ex-alunos e professores escolhidos para representar alguns momentos da institucionalização da antropologia na universidade.

Pesquisa:
Candice Vidal e Souza
[PUC MINAS]

ABA
Associação Brasileira de Antropologia
Fundada em 1955

Secretaria de Cultura e
Assuntos Comunitários



PUC Minas

EXPOSIÇÃO 34ª RBA

A ANTROPOLOGIA NA UFMG ENTRE OS ANOS 1940 E 1992: presenças na FAFICH e na FACE



Primeiros momentos do ensino de antropologia na Faculdade de Filosofia

A introdução do ensino de Antropologia no Brasil fez-se nas Faculdades de Filosofia orientado por determinações legais sobre o currículo dos cursos ministrados em todo o território nacional. A criação da Faculdade Nacional de Filosofia (Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939) estabelece o padrão a ser adotado em outras escolas. Fica determinado que nos cursos de História e Geografia serão ministradas as disciplinas de Antropologia, Etnografia e Etnografia do Brasil. Para o curso de Ciências Sociais foi criada, em 1939, a cadeira de Antropologia e Etnografia, ministrada na terceira série. Em 3 de setembro de 1954 é publicada a Lei nº 2.311, que cria a cadeira de Etnografia e Língua Tupi.

Em Belo Horizonte, a Faculdade de Filosofia é criada em 1939 por um grupo de professores ligados ao ensino secundário no Colégio Marconi e marca o início da difusão do saber das ciências sociais no nível superior. O primeiro vestibular para a nova faculdade acontece em 15 de janeiro de 1941.



OLINTO ORSINI DE CASTRO

[1891 - 1970]

A catédra número 30 de Antropologia e Etnografia na Faculdade de Filosofia foi ocupada pelo médico dermatologista Olinto Orsini de Castro durante as décadas de 1940 e 1950.

Fonte: Academia Mineira de Medicina

<http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/cadeira-58-patrono-olinto-orsini-de-castro/>



PROGRAMAS DE CURSO DE OLINTO ORSINI DE CASTRO

[Professor Catedrático]

CADEIRA DE ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA
Curso de Geografia e História (Primeira Série)
Curso de Ciências Sociais (Terceira Série)

ANTROPOLOGIA

Ia. Parte:

NOÇÕES PRELIMINARES

- 1 – Antropologia. Conceito. Divisão. Relações com as ciências. Necessidades dos estudos antropológicos.
- 2 – Os reinos da natureza. Reino humano.
- 3 – A vida. Origem da vida.
- 4 – Características dos seres vivos.
- 5 – Espécies e variedades.

Ila. Parte:

ORIGEM DAS ESPÉCIES E DO HOMEM

- 6 – Classificação das várias teorias.
- 7 – Criacionismo fixista; criacionismo evolucionista.
- 8 – Transformismo absoluto.
- 9 – Opiniões de Goethe e Oken. Exame sumário da teoria vertebral do sistema ósseo da cabeça.
- 10 – O Transformismo segundo Lamarck e Saint-Hilaire.
- 11 – O Darwinismo.
- 12 – Críticas ao Darwinismo.
- 13 – A lei bio-genética.
- 14 – Os órgãos rudimentares.
- 15 – Os intermediários entre o homem e o macaco.
- 16 – Noções sumárias de genética.
- 17 – O Mutacionismo.
- 18 – Transformismo mitigado.
- 19 – A teoria de Le Comte de Noúy.

IIla. Parte:

CARACTERIZAÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA

- 20 – Características físicas: a atitude erecta.
- 21 – Características humanas da coluna vertebral.

- 22 – Características humanas do tórax.
- 23 – Características humanas da pélvis.
- 24 – Características humanas dos membros superiores.
- 25 – Características humanas dos membros inferiores.
- 26 – Características humanas da cabeça.
- 27 – Pontos, linhas, planos, ângulos e relações antropométricas.
- 28 – As proporções no corpo humano.
- 29 – As proporções durante o crescimento. As idades.
- 30 – Caracterização do homem pelas operações do espírito. Natureza espiritual da alma humana.
- 31 – Dificuldade sobre a alma humana: a inteligência dos animais; a vida dos selvagens; a psicologia da criança.
- 32 – União da alma com o corpo. Unidade ou pluralidade de forma no composto humano.

IVa. Parte:

UNIDADE DA ESPÉCIE HUMANA

- 33 – Exposição sumária do problema. Tipos humanos: tipos raciais e tipos constitucionais. Povos, línguas, civilização, raças. Características raciais. Influências do meio e do cruzamento sobre as raças. Raças fósseis. Raças atuais e sua classificação.

Va. Parte:

ANTIGÜIDADE DA ESPÉCIE HUMANA

- 34 – Cronologia relativa da humanidade. Limites do quaternário. O Homem Pré-histórico.
- 35 – O “Homem Terciário”.
- 36 – Cronologia absoluta da humanidade. A História; os monumentos; as tradições e lendas.
- 37 – Cronologia dita bíblica.
- 38 – Cronômetros naturais estudados na Europa.
- 39 – Cronômetros naturais estudados na América.

VIa. Parte:

FIM DA ESPÉCIE HUMANA

- 40 – Fim do Homem.



PROGRAMAS DE CURSO DE OLINTO ORSINI DE CASTRO (Professor Catedrático)

CADEIRA DE ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA
Olinto Orsini de Castro – Professor Catedrático
Curso de Geografia e História (Segunda Série)
Curso de Ciências Sociais (Terceira Série)

ETNOGRAFIA GERAL

- 1º - Apresentação da matéria. Posição da etnografia entre as demais ciências.
- 2º - Forças evolutivas externas, climas, solos, acidentes geográficos.
- 3º - Forças evolutivas internas, forças antropológicas e psicológicas.
- 4º - Fatores históricos na formação cultural. Tradições. Influências da religião na formação cultural.
- 5º - Distribuição geográfica dos povos. Migrações.
- 6º - Evolução da alimentação – Atividades dedicadas à alimentação – o fogo.
- 7º - O sono e o abrigo.
- 8º - O adorno e a vestimenta.
- 9º - Armas e defesa.
- 10º - O trabalho social.
- 11º - Evolução da indústria. As ferramentas e as etapas industriais.
- 12º - Meios de transporte.
- 13º - A sociedade. Família e tribu (sic). Sociedade e Estado. Propriedades e Direitos.
- 14º - Comércio. Comércio naturista.
- 15º - Cultura espiritual:
 - Idiomas
 - Artes
 - Religião
 - Ciências
 - Escrita.

ETNOGRAFIA DO BRASIL

Olinto Orsini de Castro – Professor Catedrático
Curso de Geografia e História (Terceira Série)

- 1 – O homem. Homo Americanus.
- 2 – Origem dos povos primitivos sul-americanos. Homo brasiliensis.
- 3 – Os desbravadores no campo da Arqueologia brasileira.
- 4 – Introdução ao estudo da Etnografia. Etnografia e Etnologia.
- 5 – Elementos arqueológicos.
- 6 – Principais etnógrafos do Brasil.
- 7 – As cavernas.
- 8 – Memória de Peter Wilhelm Lund. A raça de Lagoa Santa.
- 9 – Cavernas não exploradas.
- 10 – Estearias.
- 11 – Sambaquis.
- 12 – Estações líticas.
- 13 – Mounds. O Pacoval. Camutins e Santa Isabel.
- 14 – Hipogeus.
- 15 – Material suspeito. Cidades abandonadas.
- 16 – Centros arqueológicos e sua distribuição.
- 17 – Classificação etnográfica brasileira.
- 18 – Localização dos povos Tupis.
- 19 – Estudos dos Guaranis e dos Tabajaras.
- 20 – As populações precabralinas.
- 21 – A vida na taba.
- 22 – A comida dos índios.
- 23 – Contraste da paz e da guerra.
- 24 – Organização da família.
- 25 – Nubilidade e casamento.
- 26 – A cerâmica na Amazônia e no litoral.
- 27 – Organização social da tribu (sic).

DEPOIMENTOS DE EX-ALUNOS DE OLINTO ORSINI DE CASTRO

Foram alunos de Olinto Orsini futuros professores de Antropologia da FAFICH como Saul Martins (formado em Ciências Sociais em 1959) e Welber Braga (formado em Ciências Sociais em 1960). Entre aqueles que assistiram às aulas de Olinto Orsini estão Roque de Barros Laraia e Francisco Iglésias. O historiador Francisco Iglésias (Pirapora (MG), 1923 – Belo Horizonte, 1998) que durante toda a vida lecionou na Faculdade de Ciências Econômicas, foi aluno da primeira turma do curso de História e Geografia e se bacharelou em 1944. Ele declarou sobre a Faculdade de Filosofia e os professores que o influenciaram:

"Fui da primeira turma de história, que era, obviamente, a de um curso fraco. (...) Meus professores na Faculdade de Filosofia – vou ser um pouco cruel – eram todos improvisados. (...) Mas o pior de todos era o que ensinava antropologia, um dermatologista. Ele abria um livro e ditava a aula, partindo do pressuposto de que o aluno era um débil mental. Reacionário fanático, pregava um catolicismo do pior tipo possível. Nas aulas, ditava a matéria sem sair da cadeira: 'Marches, um bandido', referindo-se a Marx; 'Comte, positivista perigoso', enunciando letra por letra - C-O-M-T-E -, como se fôssemos mais ignorantes do que éramos. Os alunos de hoje da Faculdade de Filosofia não tolerariam uma coisa dessa" (Iglésias, 1991, p. 32).

Roque de Barros Laraia ingressou no curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia em 1957. Ele rememorou a figura de seu professor de Antropologia:

"(...) eu acho que a Antropologia não era ruim, não era fraca aqui em Minas em época recente, mas já era fraca, porque o professor de Antropologia da Universidade Federal era um médico chamado Olinto Orsini, que deve ter morrido há muitos anos. (...) Ele dava tudo [todas as disciplinas de Antropologia]. Mas ele não sabia nada. Dizem que quando fundaram a Universidade Federal de Minas Gerais, o professor foi assim escolhido aleatoriamente. Então alguém tinha ido na casa dele e tinha visto um livro qualquer de Antropologia e pensou que ele sabia de Antropologia. Ele era dermatologista. (...) ele tinha um manual assim, mais ou menos dos anos 20, argentino, era muito ruim. (...) O professor Olinto Orsini era um cara já muito velho na época, conservador, catolicíssimo. Ele tinha uma ideia muito errada do que era a Antropologia e dava aula sete horas da manhã, porque era médico e tinha suas atividades na Faculdade de Medicina. Então sete horas a porta já estava trancada, quem entrou entrou, quem não entrou dançou. O fato é que ele ficou famoso" (entrevista a Candice Vidal e Souza, outubro de 2003).

Saul Martins e Roque Laraia dizem que suas aulas seguiam apenas um livro. Laraia lembra-se bem que o livro era um manual argentino, de autoria de José Imbelloni, chamado Epitome de Culturologia (1936).



ELY BONINI GARCIA [1930]

Após a aposentadoria de Olinto Orsini de Castro, as aulas de antropologia são assumidas em 1961 e 1962 por Antônio José Pimenta. A partir de 1963, os programas de Antropologia passam a ser conduzidos por Ely Bonini Garcia, formado em medicina pela UFMG em 1957 e Bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política (SP) em 1960. Esse professor também atuou como psicanalista e terapeuta de grupo em Belo Horizonte.

PROGRAMAS DE CURSO DE ELY BONINI GARCIA

DIÁRIO DE CLASSE – ANTROPOLOGIA – 1963 – Duração de um ano

Curso de Ciências Sociais – Graduação – 3ª Série

Professor: Ely Bonini Garcia

- Aula 04 de abril: Âmbito e finalidade da antropologia. Definição e disciplinas afins.
- Aula 09 de abril: Concepção da antropologia como um conjunto de disciplinas.
- Aula 16 de abril: Relativismo cultural e etnocentrismo.
- Aula 18 de abril: Vivência de atividade preconceitual, classificatória e pré-científica.
- Aula 23 de abril: Vivência da atitude científica, relacional e operacional.
- Aula 25 de abril: Ciência. Método científico. Fato. Hipótese.
- Aula 30 de abril: Origem, natureza e função do conhecimento científico.
- Aula 02 de maio: O problema do saber e a crítica ao relativismo cultural.
- Aula 07 de maio: Análise antropológica dos preconceitos sociais (sexo, idade, classe, cor, raça religião, etc.).
- Aula 09 de maio: Análise antropológica dos preconceitos sociais (continuação).
- Aula 14 de maio: Análise antropológica dos preconceitos sociais (continuação).
- Aula 16 de maio: Análise antropológica dos preconceitos sociais (continuação).
- Aula 21 de maio: Análise antropológica dos preconceitos sociais (continuação).
- Aula 28 de maio: Análise antropológica dos preconceitos sociais (continuação).
- Aula 30 de maio: Análise antropológica dos preconceitos sociais (continuação).
- Aula 04 de junho: Análise do conceito de cultura.
- Aula 06 de junho: Estrutura da cultura. Traço, Complexo, Padrão e Área Cultural. Análise antropológica de situação concreta.
- Aula 11 de junho: (...) da cultura. Inconsistências culturais.
- Aula 18 de junho: Análise antropológica de inconsistências culturais.
- Aula 19 de junho: Análise antropológica de inconsistências culturais.
- Aula 01 de agosto: Dinâmica cultural. Causas de mudança cultural.
- Aula 06 de agosto: Invenção e Difusão.
- Aula 20 de agosto: Aculturação. Análise antropológica.
- Aula 22 de agosto: Evolução cultural. Análise antropológica.
- Aula 27 de agosto: Aprendizagem da cultura. Análise antropológica.
- Aula 29 de agosto: Evolução humana (noções gerais).
- Aula 03 de setembro: Crítica do conceito de raça. Análise antropológica.

- Aula 05 de setembro: Raça – Linguagem e Cultura. Análise antropológica.
- Aula 10 de setembro: Preconceito de marca (?)
- Aula 11 de setembro: Preconceito de origem.
- Aula 12 de setembro: Cor de pele e classe social.
- Aula 14 de setembro: Antropologia Física. Os alunos não compareceram.
- Aula 17 de setembro: Antropologia Física. Os alunos não compareceram.
- Aula 18 de setembro: Revisão dos temas tratados pelo Linton.
- Aula 19 de setembro: Análise antropológica dos textos.
- Aula 21 de setembro: Análise antropológica dos textos.
- Aula 01 de outubro: O problema da origem vida.
- Aula 02 de outubro: Análise antropológica de situação concretas.
- Aula 03 de outubro: Análise antropológica de situação concretas.
- Aula 05 de outubro: Origem da vida. A terra antes das matérias orgânicas. A química das transformações de materiais inorgânicos ou orgânicos. Dos ... primitivos aos primeiros seres unicelulares.
- Aula 08 de outubro: Origem da vida. A terra antes das matérias orgânicas. A química das transformações de materiais inorgânicos ou orgânicos. Dos ... primitivos aos primeiros seres unicelulares.
- Aula 09 de outubro: Análise antropológica de situações concretas.
- Aula 10 de outubro: Análise antropológica de situações concretas.
- Aula 12 de outubro: Características gerais dos seres vivos.
- Aula 16 de outubro: Análise antropológica de textos.
- Aula 17 de outubro: Análise antropológica de textos.
- Aula 19 de outubro: Mitose.
- Aula 22 de outubro: Meiose.
- Aula 23 de outubro: Análise antropológica de textos.
- Aula 24 de outubro: Análise antropológica de textos.
- Aula 26 de outubro: Princípio de Mendel.
- Aula 31 de outubro: O problema das relações entre personalidade e cultura. Análise antropológica.
- Aula 05 de novembro: As dificuldades para se estudar a genética humana.
- Aula 06 de novembro: Personalidade. Discussão dos 3 níveis de abstração. Nível físico, temperamental e caracteriológico.
- Aula 07 de novembro: Personalidade. Discussão dos 3 níveis de abstração. Nível físico, temperamental e caracteriológico.
- Aula 09 de novembro: Métodos de estudo da evolução.
- Aula 12 de novembro: O problema do homem marginal.
- Aula 13 de novembro: O problema do homem marginal.
- Aula 14 de novembro: Relações entre físico e temperamental.
- Aula 16 de novembro: Mecanismos da evolução.
- Aula 19 de novembro: Evolução dos Peixes aos Biotróficos.
- Aula 20 de novembro: Revisão da matéria.
- Aula 21 de novembro: Revisão da matéria.
- Aula 23 de novembro: Estudo dos Biotróficos aos Répteis.
- Aula 26 de novembro: Evolução dos Répteis aos Mamíferos.
- Aula 27 de novembro: Revisão da matéria.
- Aula 28 de novembro: Revisão da matéria.

DEPOIMENTOS DE EX-ALUNOS

lêda Martins de Pádua (Governador Valadares/MG, 1944), formada em Ciências Sociais em 1966, conta que a disciplina de antropologia foi muito impactante em sua chegada à FAFICH.

"Pelo que me lembro, o que ele procurava era envolver as pessoas, ele fazia a gente representar as relações sociais. Ele provocou ali a reprodução de relações de classe. (...) Ele realmente falava que iria quebrar os padrões, para a gente poder enxergar a sociedade. Eu me lembro exatamente das palavras dele: "Tirar o argueiro do olho" - essa expressão bíblica. Enxergar o óbvio e a gente se descolar da visão, do senso comum, para a gente ser cientista social. (...) Foi um curso absolutamente não convencional. Dali saíram pessoas muito motivadas e inteiramente desmotivadas. Têm colegas que sumiram de lá e nunca mais apareceram." (Entrevista a Candice Vidal e Souza, 28/7/2005)

As aulas de Bonini são descritas em seu método como performances ou psicoterapia de grupo por seus alunos. Josefina Pimenta Lobato comenta sobre os exercícios de representação de papéis sociais. Sobre os autores e textos usados em aula, lêda e Josefina citam Ralph Linton (O Homem) e Clyde Kluckhohn (Antropologia. Um espelho para o Homem). Falam da ênfase do curso na antropologia americana, creditada à sua passagem pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Romeu Sabará comenta sobre Bonini: "Com ele, a teoria da Cultura e Personalidade (...) é apresentada como o que de mais novo podiam oferecer. Neste ambiente, Psicologia, Psicanálise e Antropologia se confundiam. (...) Etnocentrismo e Relativismo eram os conceitos básicos manipulados. As aulas tomavam a forma de uma dinâmica de grupo com objetivo de questionar valores, como condição necessária para preparar um cientista social. Certas ou erradas, as manipulações feitas eram apaixonantes tanto para os alunos como para os professores" (Sabará, 1975, p. 5). Desse modo, a antropologia passou a ter a função de ressocializar alunos, segundo Romeu Sabará.

SAUL ALVES MARTINS (1917-2009)

Saul Martins ingressa na Faculdade de Filosofia em março de 1966 para ministrar a disciplina Antropologia VI (4ª série do curso de Ciências Sociais). O folclore de Minas Gerais foi o objeto de pesquisa da vida toda desse professor. Temas da cultura popular, como a arte e o artesanato, e da cultura negra do estado, constituem os trabalhos publicados por Saul Martins. A sua especialidade o levou a manter correspondência com antropólogos de outros estados dedicados a pesquisas semelhantes: Luís da Câmara Cascudo, Manuel Diégues Júnior, Edson Carneiro, Napoleão Figueiredo, Eduardo Galvão, Loureiro Fernandes.

O Diário, o Jornal de Minas - BH, 24.06.1972

Professor mostra folclore e candomblé a sacerdotes

Sacerdotes das diversas dioceses de Minas Gerais e do Espírito Santo terminaram, ontem, ao meio-dia, o II Curso de Atualização para Presbíteros, patrocinado pelo Regional Leste II da Conferência Nacional dos Bispos.

Segundo depoimentos dos sacerdotes, o ponto mais alto do Curso foi alcançado com as duas palestras proferidas pelo Doutor Saul Martins, Chefe do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

FOLCLORE E SINCRETISMO

Acentuando o sentido do Folclore no comportamento humano e, principalmente, na formação da religiosidade dos indivíduos e dos grupos, o Professor Saul Martins falou sobre as várias etapas que afetam a estrutura e a própria piedade religiosa. Estabeleceu os pontos de distinção entre religião e folclore.

Depois, em segunda palestra, abordando o Sincretismo das Religiões Negras no Brasil, os sacerdotes tomaram conhecimento do processo afro-brasileiro de sincretização e da própria noção de sincretismo religioso, sua mistura e suas variantes. O conferencista, que se fez acompanhar de um iniciado em Candomblé, que "é a expressão do Sincretismo no Brasil", mostrou as relações existentes entre as manifestações de objetos e devoções do Cristianismo e as do Candomblé, cujas bases encontram-se na comunicação estabelecida entre homens e orixás, "que são forças da natureza ou elementos representados pelas forças da natureza".

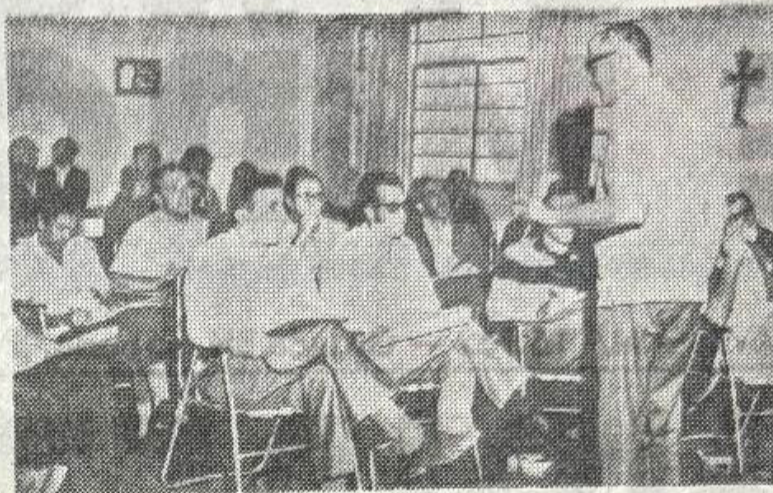
DISTINÇÕES

Em linguagem simples e fazendo-se entender por todos os presentes, o Professor Saul Martins discorreu longamente sobre as origens dos orixás, sua formação e organização religiosa estabelecida no Candomblé. Esclareceu as diversas analogias entre Cristianismo e Candomblé.

PREOCUPAÇÃO

Quem entrasse na sala de conferências do Noviciado da Santíssima Trindade, pensaria que os padres estivessem aprendendo toques de atabaque e passos rituais ou alimentando sua curiosidade nas descobertas e nas demonstrações das formas religiosas afro-brasileiras. Mas a realidade era outra. Os sacerdotes, responsáveis pela evangelização e pela catequese, procuram os meios aptos para discernir o que é do cristianismo e o que pertence ao próprio primitivismo religioso ou o que foi introduzido de modo pouco próprio nos ritos sincretizados que o povo adota.

Todos apreciaram muito as palestras do Professor Saul Martins, conhecido por suas obras no terreno da Sociologia e da Antropologia e por sua participação ativa em movimentos e entidades antropológicas nacionais e internacionais. Mas ficou um impasse: o que deverão realizar na



Professor Saul Martins falou sobre folclore e candomblé para sacerdotes

pastoral, após terem tomado conhecimento de muita coisa que desconheciam e existem entre o próprio povo que frequenta a Igreja e participa dos sacramentos?

O Curso de Atualização termina ao meio-dia. Alguns sacerdotes esperam encontrar algumas pistas para seu trabalho pastoral, ainda hoje, nos trabalhos de grupos e na própria revisão do encontro.

— "Doutor Saul precisa falar aos Bispos. Há muita coisa para ser estudada em termos oficiais", dizia um sacerdote enquanto caminhava para o refeitório.

A reportagem "Professor mostra folclore e candomblé a sacerdotes" (O Diário, 24/6/1972) revela a presença atuante de Saul Martins na divulgação de pontos de vista relativistas e respeitosos em relação aos mundos populares e suas práticas.

CARTAS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO PARA SAUL MARTINS

meu caro Saul Alves Martins.

377, Junqueira Aires.

Natal, 21-XI-1941.

DEVE estar o meu companheiro edificado com a boa educação deste seu admirador. Cumpriu fiel e generosamente quanto prometera mas de minha parte teve apenas silencio e distancia. Quero penitenciar-me de ambas, afirmando não constituir elementos de olvido mas unicamente a vida absorvente de trabalho que me obrigou a retardar por tanto tempo o agradecimento ás suas amaveis notas que tão uteis têm sido para mim. Servir-me delas abundantemente, transcrevendo-as algumas no Dicionario e inclui o prezado amigo na classe rara e afetuosa dos colaboradores reais, indispensaveis e próprios. Tanta coisa ignorava eu e encontrei clara e elegantemente fixadas nas notas que mandou. Creia que muito me penhorou sua bondade e conservo sua amisade em justo e alto ponto, de cordialidade bem brasileira e real.

O seu Governador chegou ontem aqui mas não o vi nem o verei, infelizmente. Vivo bem longe do oficialismo e da festa liturgica que a politica oferece aos seus devotos. O atual Governador do meu Estado é uma joia. Joia que chega á maravilha de compreender-me e deixar-me trabalhar em casa, arredio e feliz como um rato dentro do queijo.

Com afetuoso abraço e votos de felicidade pessoal,
seu admirador e grato amigo-

Luís da Câmara Cascuado

CARTAS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO PARA SAUL MARTINS

Natal, 2-VI-1966

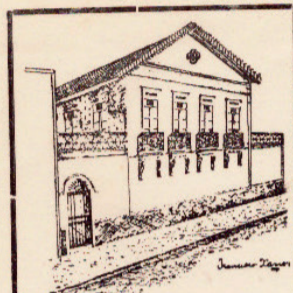


meu caro Saul Martins.

Afetuosos cumprimentos pelos seus trabalhos, pesquisas da cerâmica e sugestões para a defesa do nosso artesanato, susceptível de todas as modificações mutiladoras e sem desenvolvimento compensador para os artistas. Ensaio excelente. Mande uma informação sobre as localidades, Estado, inclusive, onde nasceu MANUEL AMBROSIO. Tenho, com todo carinho emocional, o BRASIL INTERIOR, com o seu amável autógrafo. Foi uma grata surpresa constatar a justiça de sua homenagem. Graças a V. conhecimento as datas, de nascimento e morte. Faltam as indispensáveis localizações. Minas ? Bahia ? Um abraço cordial, renovando os aplausos, deste seu velho e grato adm e confrade-

Luís da Câmara Cascudo.

Mande outras notas, bio-bibliográficas de M.A. para o Natal



Rua Junqueira Aires, 377
NATAL
Rio G. do Norte-(Brasil)
C. P. 59 000

Prof. LUIS DA CÂMARA CASCUDO

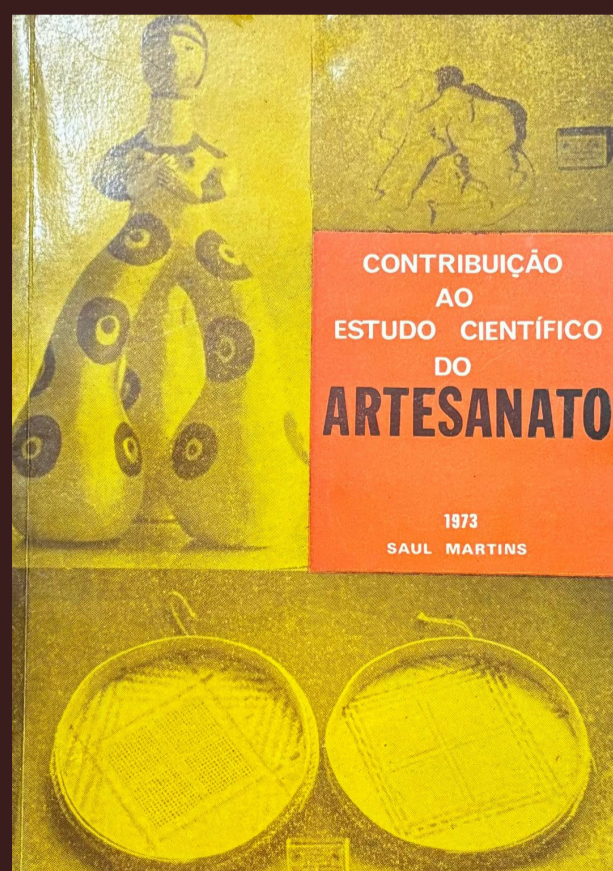
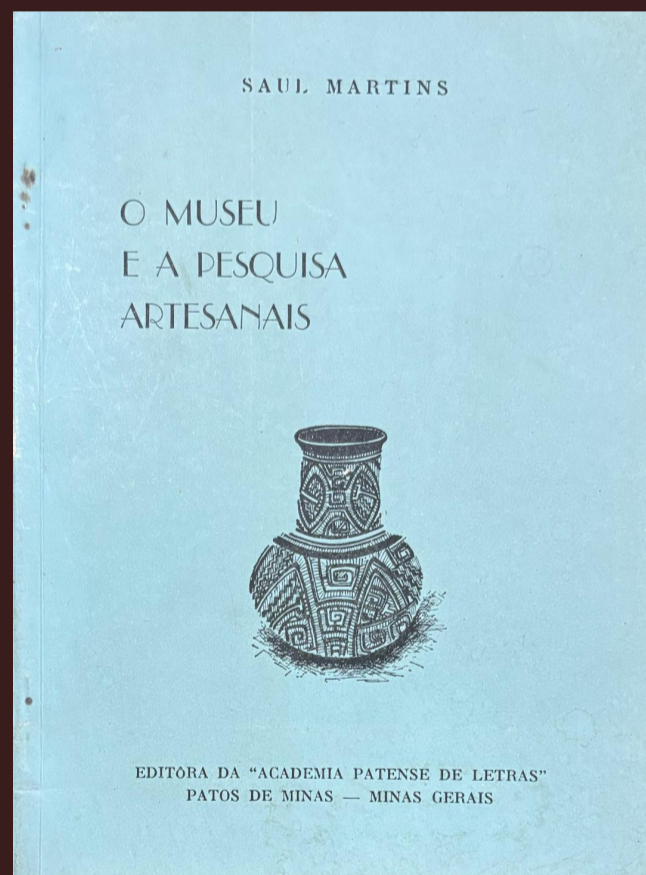
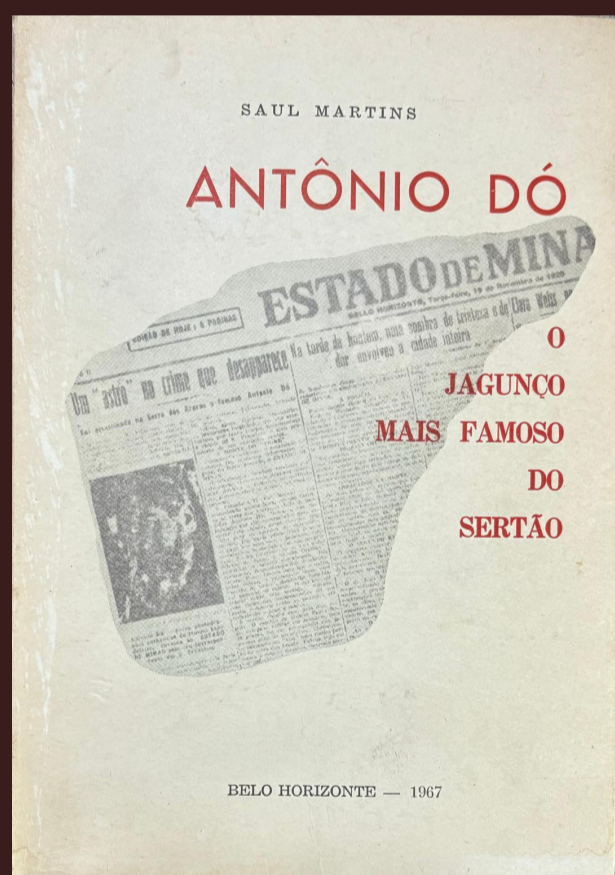
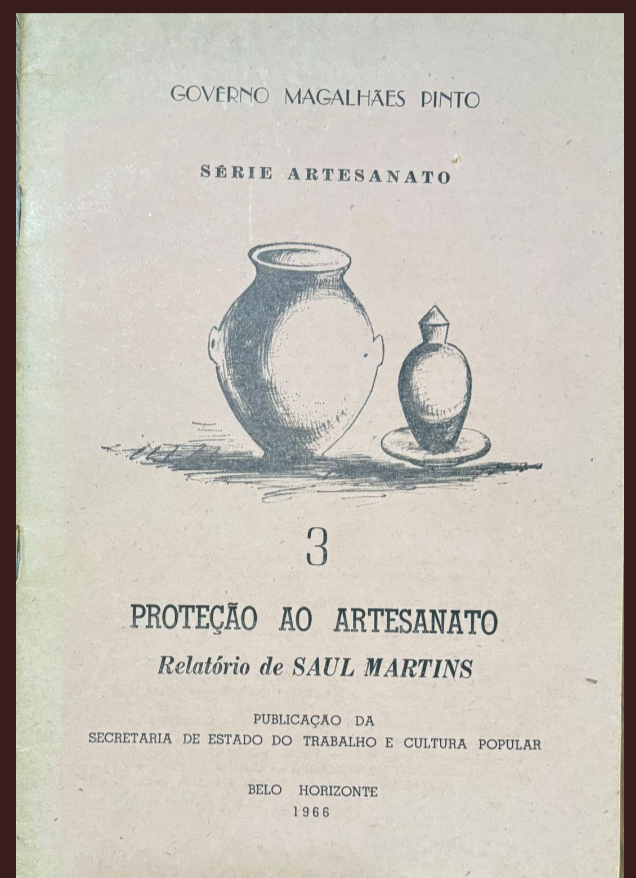
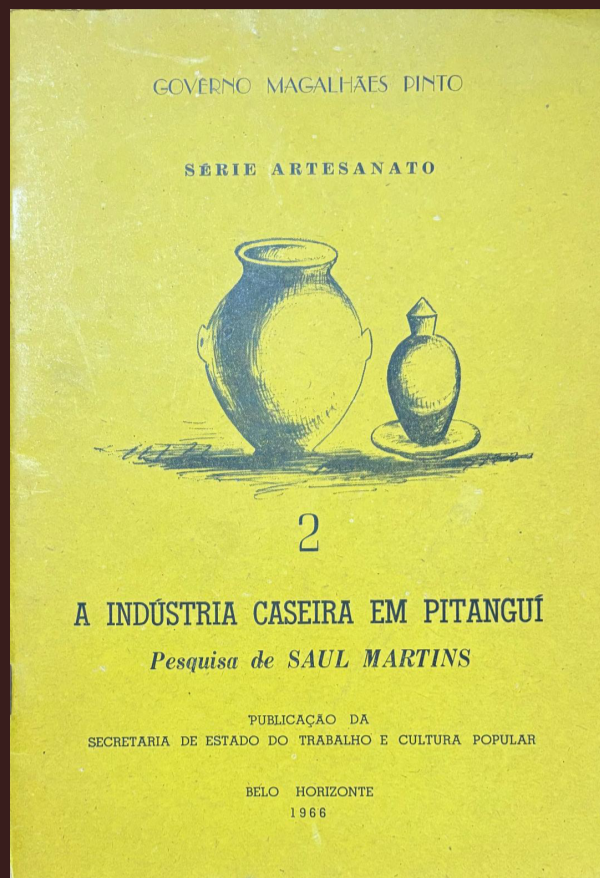
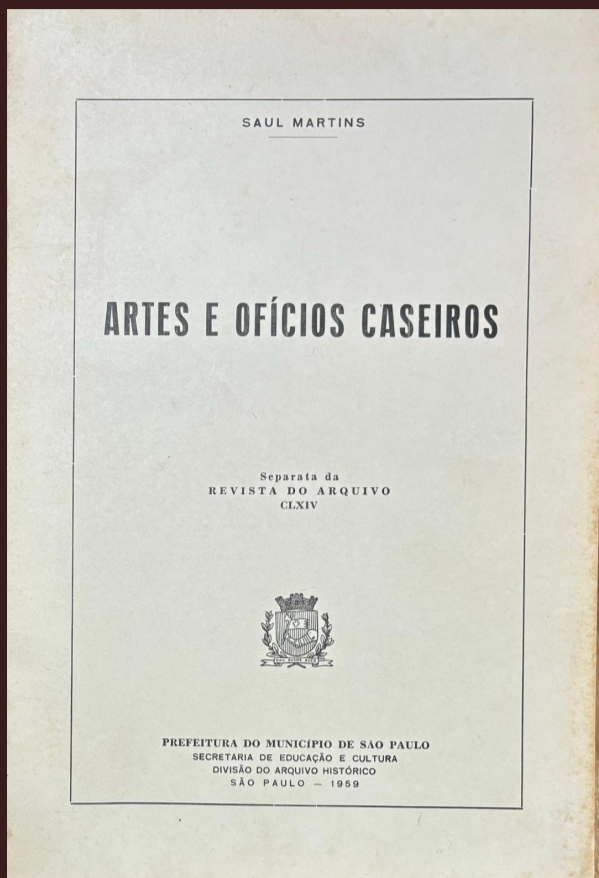
em 16-1-1977.

SAUL MARTINS, meu Confrade.

Bicho cacáu da folha miuda, madeira que cupim não rói, dá fogo de baixo d'água. Capítulo excelente com que sua Bondade valoriza meu atrevido planejamento. Deus o abençoe. Gratíssimo. Como dizia a velha Nicácia, cozinheira de meus páis: "Deus aumente suas coisas !" Que título porei na sua colaboração ? Superstição em Minas Gerais ? Superstições Mineiras ? Outro qualquer á sua eleição pessoal. As "ajudas" estão vindo, vagarosas e otimas. Algumas devolvidas porque registavam mitos, terapeutica tradicional ou tradições religiosas. Saul ~~atirou~~ ^{atirou} na mósca do alvo ! Ponto certo ! Mais uma vez, muito grato á sua generosidade mineira, abundante e pronta. Deduzo terminar minha tarefa coordenadora nos finais do primeiro semestre deste 1977. Preciso ocupar-me para não preocupar-me. Não dando tarefa ás minhas horas que não se aposentaram, terminarei fatalmente querendo orientar as finanças nacionais. Indicação paranoica. Sua colaração ^{ho} vale distinção, estrêla e louvor. Originalidade. Nitidês. Movimento comunicativo. Humor contagiante. Encanto. Sou de 1898. Minha geração só beijava mulher, mas considere-se beijado na bochecha. Estou chegando á ionosfera. Agora, desatraco a jangadinha praeira, acenando abraços fraternais. Muito gratamente, seu velho admirador e confrade lógico -

Luís da Câmara Cascudo.

ALGUNS LIVROS DE SAUL MARTINS



CARTA DE ÂNGELO OSWALDO, PREFEITO DE OURO PRETO, PARA D. JULINDA, POR OCASIÃO DA MORTE DE SAUL MARTINS.

PREFEITURA DE OURO PRETO
Praça Barão do Rio Branco, 12
Pilar Ouro Preto MG 35400-000
Tel [31] 3559 3200



PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO

Ouro Preto, 14 de dezembro de 2009

Prezada D. Julinda,

O Prof. Saul Martins é lenda fulgurante na cultura mineira, referência à qual se reportam todos os que buscam os veios desse tesouro criado pelo povo de nossa terra. Com extraordinária sensibilidade, ele iluminou a investigação científica sobre a cultura popular, valorizou o folclore e ensinou, como mestre singular, a gerações e gerações, como dar continuidade ao seu pioneirismo. Pego-me receba, com a família, a expressão de minha solidariedade e as homenagens de Ouro Preto à memória de um homem - monumento.

Respeitosamente,

Ângelo Oswaldo Araújo Santos

PROFESSORES E PROFESSORAS DE ANTROPOLOGIA DA FAFICH (ANOS 1960 A 1992)



Nos anos 1960 há programas em nome de Antônio José Vieira, Edilson de A. Júpiter, Onofre Gabriel de Castro, Maurício Lanski, Domingos da Silva Gandra Júnior e Welber da Silva Braga. No final dos anos sessenta, são contratadas Beatriz Meirelles da Costa e Solange Braga Ferreira e Souza. Há programas de 1970 sob responsabilidade de Maria Helena Mendes Duarte.

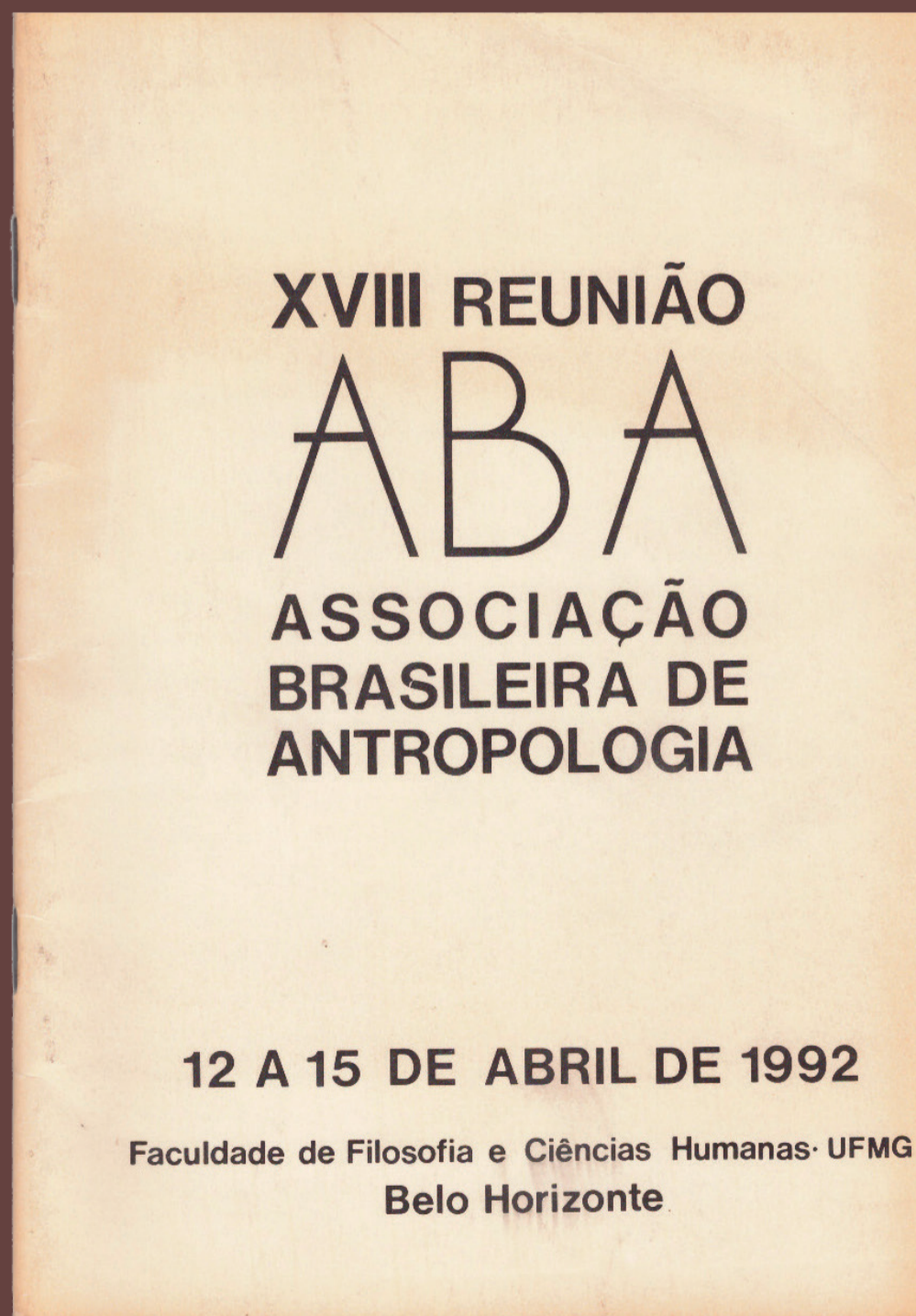
O aluno mais próximo de Saul Martins foi Romeu Sabará, que se torna professor do Departamento de Sociologia e Antropologia em 1970. A cultura negra será um objeto de predileção desse professor, especialmente o congado mineiro e a comunidade dos Arturos, localizada em Contagem (MG). Em 1996, já aposentado da UFMG, Romeu Sabará defendeu tese no Departamento de Antropologia da USP com o título “O drama de um campesinato negro no Brasil: a comunidade negra dos Arturos”.

Na década de 1970, o grupo de antropólogos sociais se amplia com a contratação de professores como Iêda Martins de Pádua, Josefina Pimenta Lobato, Romeu Sabará da Silva, Maria das Graças Tavares, Cleonice Pitanguí, Raquel Miranda Lopes, Carlos Eduardo Costa Ataíde, Pierre Sanchis, Renato Ortiz, Nelson Quadros Filho e Carlos Magno Guimarães. A configuração geral da área de antropologia não se altera substancialmente nos anos 1980, ocorrendo apenas o ingresso de Leonardo Figoli (Rosario/Argentina, 1951) em 1988. Em 1990, Ana Lúcia Modesto entra na UFMG. É exatamente desse núcleo que serão convocados alguns dos professores que vão organizar a RBA em 1992, cuja comissão foi composta por Josefina Pimenta Lobato, André Prous (arqueólogo), Ana Lúcia Modesto, Carlos Magno Guimarães, Cleonice Pitanguí Mendonça, Iêda Martins de Paula, José Estácio Teixeira de Abreu, Pierre Sanchis, Leonardo Fígoli, Nelson Quadros Filho, Raquel Miranda Lopes e Romeu Sabará da Silva.

A XVIII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA EM 1992

A XVIII Reunião Brasileira de Antropologia aconteceu entre os dias 12 e 15 de abril de 1992, nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, em um prédio construído recentemente, nos auditórios da Escola de Biblioteconomia e da Faculdade de Letras, espaços contíguos à FAFICH, e no Auditório da Reitoria. A comissão organizadora local foi coordenada por Josefina Lúcia Pimenta Lobato de Mello (Belo Horizonte, 1941). A professora Josefina entrou na UFMG em 1975, foi aluna do curso de Ciências Sociais, formando-se em 1965. Concluiu mestrado em Filosofia na UFMG em 1985. É Doutora em Antropologia pela UnB (1994), orientada por Rita Laura Segato.

Na época, a diretoria da ABA tinha a seguinte composição: Roque de Barros Laraia (presidente), Lia Zanotta Machado (secretária) e Luís Roberto Cardoso de Oliveira (tesoureiro). Roque Laraia, mineiro de Pouso Alegre, convidou Josefina para assumir a coordenação local da segunda RBA em terras mineiras, agora apoiada no quadro de antropólogos da FAFICH.



Capa do programa da XVIII RBA.

Fonte: Acervo pessoal de Candice Vidal e Souza

A XVIII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA EM 1992

O programa do evento tem 35 páginas impressas, sem imagens e com diagramação simples em preto e branco. A característica surpreendente do programa é a ausência de filiação institucional de todos os participantes. A abertura aconteceu no domingo, 12 de abril, no auditório da Faculdade de Direito da UFMG, no centro da cidade. Na segunda, dia 13 de abril, as atividades aconteceram no campus da Pampulha. Pela manhã, aconteceram seis das sete mesas redondas programadas. Para se ter noção do panorama temático, os títulos e os respectivos coordenadores foram: “Globalismo e Localismo: uma antropologia das novas fronteiras” (Gustavo Lins Ribeiro e Rafael Menezes Bastos); “A herança intelectual de Franz Boas: uma homenagem e algumas reflexões” (Margarida Maria Moura); “A questão da justiça e a cultura política brasileira” (Luiz Eduardo Soares); “Estudos do gênero: a interdisciplinaridade no campo teórico e a subjetividade no campo metodológico” (Lia Zanotta Machado); “Urbanização e Africanização” (Roberto Motta); “Efeitos da política de repressão policial no uso de drogas” (Alba Zaluar). Na noite deste dia, no auditório da Reitoria, Roberto da Matta fez a sua emocionante conferência intitulada “Sociologia da Saudade”.

Na terça, dia 14 de abril, acontece às 18h30 a única mesa redonda realizada no auditório da Reitoria, coordenada por Mariza Corrêa: “A importância da América Latina para a Antropologia do Brasil”. Os participantes dessa mesa nobre foram Antonio Augusto Arantes, Leopoldo Bartolomé, Mariza Corrêa e Roberto Cardoso de Oliveira.

As sessões dos 27 grupos de trabalho ocuparam duas tardes nos dias 13 e 14 de abril. O baile foi realizado na Fábrica de Macarrão, em Santa Tereza, na noite da terça, dia 14. No último dia do evento, 15 de abril, a programação incluiu o encontro de coordenadores de pós-graduação em Antropologia às 9 horas e às 10 horas a Assembleia Ordinária da ABA e o encerramento da XVIII Reunião Brasileira de Antropologia.

A XVIII RBA mereceu uma reportagem detalhada na capa do caderno "Programe-se" do jornal Hoje em Dia, no dia 16 de abril, na qual aparece o precioso dado de que o público foi de 500 pessoas.

HOJE
EM DIA

Programe-se

QUINTA-FEIRA, 16/4/1992 PÁGINA 1

Bar Itinerante abre caminho à música

Idéia é de encontros em residências, à moda dos saraus do início do século — tudo em nome da arte

O cardápio era pura comida mineira, com direito a torresmo com mandioca, carne de sol, moela com pão e um mexido à mineira como "peça de resistência". No bar improvisado, cervejas, cachaças e bebidas destiladas a preços justos. Um espaço coberto transformouse em palco para a apresentação da dupla Lígia Jacques e Rogério Leonel. Os 60 convidados começaram a chegar às 22 horas e o clima de "entre amigos" prenunciava o sucesso do "Bar Itinerante", um projeto da empresária Elisabeth Coutinho, que pretende abrir novos espaços para músicos mineiros, promovendo encontros em residências particulares, relembrando os saraus que movimentavam a vida das elites do início do século.

O primeiro encontro aconteceu há 14 dias, e o local escolhido foi a ampla casa de Valéria Augusto, no bairro São Lucas. Valéria, dona de um buffet especializado em cozinha internacional, comandou a retaguarda alimentar. "Gostaria que as pessoas saíssem bem alimentadas e felizes" — dizia, poucos minutos antes da chegada dos convidados.

Eles chegaram em levas. Sozinhos ou acompanhados, os convidados foram ocupando as mesas dispostas numa ampla varanda descoberta, tendo como vizinho o parque esportivo do clube Palmeiras. A noite estava quente e clara, bem apropriada para boas garrafas de cerveja. "É agradável chamar os seus amigos e promover um encontro como este", explicava Elisabeth. "Você fica conhecendo outras pessoas, ouve uma boa música".

A música é, provavelmente, a principal estrela do "Bar Itinerante". Para alegria de Lígia Jacques que, ao lado do marido e parceiro Rogério Leonel, abriu a temporada musical do projeto. "É um mercado excelente", anedvia a cantora. "Este espaço fica no meio do caminho entre o bar e a casa. A gente sabe que eles vão nos ouvir, apreciar", comemorava.

Mas não era este o único motivo que alegrava Lígia e Rogério. Pelo menos ali, o casal tinha a garantia de levar completo o *cover* de Cr\$3 mil, incluído no preço do convite. "Algumas casas ficam com até 50%", reclamava a cantora. "Muita gente vai aos bares por nossa causa, e os proprietários ficam com a metade", ecoava Rogério. Registre-se que este expediente usado por algumas casas noturnas é proibido. O *cover* do artista deve ser pago integralmente a ele, como define a lei.



Detalhes de recepção oferecida por Elisabeth Coutinho, idealizadora do Bar Itinerante, com alguns dos convidados e a apresentação dos músicos Lígia Jacques e Rogério Leonel

Antropologia é discutida em encontro

Conferências, com especialistas no assunto, reuniram centenas de pessoas na Faculdade de Filosofia

Fugindo do barulho e dos exploradores

Quem primeiro sugeriu a criação do "Bar Itinerante" foi Luis Henrique de Faria, amigo de Elisabeth, e um apreciador convicto da boa música. Atrás dela e de outras cozinhas, Luis, amigos e amigas sempre procuravam nos finais de semana um local que "conjugasse com harmonia o tripe do bem-estar: bom ambiente, boa bebida e boa música. Mas, nem sempre a mistura funcionava bem.

"Descobrimos que poderíamos montar nosso próprio esquema", recorda Luis Henrique. "A origem do Bar Itinerante é a célula de amigos". O esquema funcionou muito bem, para alegria geral. Além da qualidade dos tira-gostos, do respeito pelos músicos e do ambiente familiar, a turma de Luis, Elisabeth e Valéria desembolsou nada mais que Cr\$10 mil pelo encontro, excluindo a bebida.

"Em período de crise, fica bem mais barato", garante Elisabeth, que promete novas edições do "Bar Itinerante". "Sai a preço de custo".

Animadíssima com o sucesso da proposta, Elisabeth torcia para que a idéia conquistasse novos adeptos. "Queremos que vire moda". (Esdra Paiva)



Terminou ontem, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, a XVIII Reunião Brasileira de Antropologia. Durante quatro dias, 500 pessoas, incluindo pesquisadores, professores e estudantes, participaram de 27 grupos de trabalho (veja quadro) que discutiram temas relacionados à Antropologia. Foram realizadas mesas-redondas e conferências de personalidades de destaque. O antropólogo Roberto da Mata falou na noite de segunda-feira, sobre "Sociologia da Saudade".

A reunião bianual dos antropólogos funciona como momento de reflexão e troca de informações. Nos grupos de trabalho, profissionais que pesquisam áreas afins têm a oportunidade de cruzar dados, aprimorando pesquisas em desenvolvimento.

A antropologia é uma ciência social. Suas atividades mais reconhecidas são associadas aos povos indígenas. Mas o universo antropológico é bem maior. "A antropologia é uma ciência social que estuda o homem, enfatizando a diversidade cultural" — diz Roque de Barros Laraia, presidente da Associação Brasileira de Antropologia.

Por diversidade cultural, entenda-se características sociais, costumes, práticas religiosas, ritos, crenças, alimentação, parentesco e outras variantes. O espectro é amplo. A antropologia contemporânea estuda aspectos específicos das sociedades, buscando interpretá-las.

É um instrumento fundamental para a compreensão das transformações que ocorrem na vida dos povos. Não é uma ciência aplicada, que aponta fórmulas prontas e definitivas para determinadas questões. Cada caso exige um estudo específico. "Esperamos contribuir para a solução dos problemas", esclarece Laraia.

O presidente da ABA lembra o cinquentenário de morte de Franz Boas, considerado o pai da antropologia americana, para destacar o que considera a principal contribuição desta ciência para a sociedade: combater qualquer forma de preconceito e discriminação. Uma tarefa difícil, sem dúvida, mas que encontra sinais de esperança na categoria. "A antropologia tem contribuído para compreender o 'outro', anima-se Laraia.

A Associação Brasileira de Antropologia foi fundada em 1955. Desde a sua fundação, o estudo dos povos indígenas é uma de suas principais atividades. "Durante anos, os an-

Roque de Barros Laraia e Roberto da Mata participaram da Reunião Brasileira de Antropologia

ABA teve papel de destaque na elaboração da Constituição Brasileira de 1988. Sua atuação ao lado de parlamentares resultou, segundo Laraia, em "um bom texto constitucional para os índios". "Consideramos uma vitória que o presidente Collor tenha determinado a demarcação dos 9,2 milhões de hectares de terra dos Yanomani", destaca o antropólogo.

Roque Laraia já passou, ao longo de sua carreira como antropólogo, 24 meses junto a populações indígenas, especialmente os tupi-guaranis, no Pará e no Maranhão. Segundo ele, o principal instrumento de trabalho do antropólogo é o diário de campo. Nele, o pesquisador anota suas impressões e observações do trabalho de campo.

Em uma de suas temporadas na floresta, Laraia acompanhava as atividades diárias dos índios. Constatou ao fim da pesquisa, que um bom caçador não caça mais do que sete dias num mês. "A caça é um trabalho extenuante na floresta tropical", diz.

R. Laraia publica livro na Espanha

Mineiro de Pouso Alegre, Roque Laraia é formado em História pela UFMG. Tem especialização em Antropologia Social, pelo Museu Nacional de História Natural, e doutorado na USP. É autor dos seguintes livros: "Índios e Castanheiras", em parceria com Roberto da Mata (Ed. Vozes, segunda edição), "Tupi-Índios do Brasil Atual" (USP, primeira edição), "Cultura: Um conceito antropológico" (Ed. Jorge Zahar, quinta edição) e "Organização Social" (Zahar Editora, primeira edição). Em breve, seu livro "Índios do Brasil-500 anos de contato" será publicado na Espanha, juntamente com outras obras que abordam os quinhentos anos da chegada de Colombo ao Brasil.

Uma data que a Associação Brasileira de Antropólogos não considera merecedora de qualquer tipo de comemoração, "Esta viagem significou o início do fim de muitas sociedades indígenas da América", diz Laraia. "Mais importante, contudo, citando uma expressão de índios canadenses, é olhar para os próximos 500 anos". (Esdra Paiva)

GRUPOS DE TRABALHO

<ul style="list-style-type: none"> □ AUTORIDADE ETNOGRÁFICA □ REBELIÕES, RESISTÊNCIA DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL □ ESPAÇO E TEMPO EM CLASSES POPULARES □ PESQUISA ANTROPOLÓGICA DE URGÊNCIA NO BRASIL □ CULTURA E MEMÓRIA NEGRA NO BRASIL: VELHAS E NOVAS QUESTÕES □ O ENSINO DA ANTROPOLOGIA E O MERCADO DE TRABALHO □ POPULAÇÕES HUMANAS, EDUCAÇÃO E MEIO-AMBIENTE NA AMAZÔNIA □ ANTROPOLOGIA E ESTUDO DE GRUPOS DE IDADE □ ZONAS NEBULOSAS DO PARENTESCO □ COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS: SUA IMPORTÂNCIA PARA A ANTROPOLOGIA □ CULTURA BRASILEIRA E MODERNIZAÇÃO: O POPULAR, O ERUDITO E O MASSIVO □ ETNOLOGIA AFRO-BRASILEIRA □ ANTROPOLOGIA DO CAMPESINATO □ INTERFACES DA ANTROPOLOGIA COM A MÚSICA □ ANTROPOLOGIA DO CORPO E DA SAÚDE 	<ul style="list-style-type: none"> □ DESENVOLVIMENTO, GRANDES PROJETOS E MEIO-AMBIENTE □ MEMÓRIA E IDENTIDADE □ REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: MAGNÍFICO RESISTÊNCIA CULTURAL □ ANTROPOLOGIA DAS REPRESENTAÇÕES POSSÍVEIS □ EXPERIÊNCIA E MEMÓRIAS: OS USOS DO CONCEITO DE GÊNERO □ CULTURA E PERSONALIDADE BRASILEIRA: MOVIMENTO INDÍGENA, TERRITÓRIO E FRONTEIRA EM PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA □ PARA ALÉM DA PAISAGEM: O DEBATE ENTRE O PRÁTICO E O SIGNIFICATIVO NA QUESTÃO DO TERRITÓRIO □ RELIGIÃO: O DESAFIO DA MODERNIDADE □ SAÚDE, MEDICINA INSTITUCIONAL, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS ALTERNATIVAS □ CAPITALISMO, MODERNIZAÇÃO E FORMAS DE MOBILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO INDÍGENA E CAMPONESA NO BRASIL □ PESQUISAS EM ANDAMENTO ETNOLOGIA BRASILEIRA
--	---

Reportagem sobre a XVIII RBA, com foto de Roque Laraia e Roberto da Mata. Hoje em Dia, 16 de abril de 1992



XVIII REUNIÃO
ABA
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
ANTROPOLOGIA

12 A 15 DE ABRIL DE 1992

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas · UFMG
Belo Horizonte

Apoio:

MERCANTIL **M**
DO BRASIL **B**

Cartaz da
XVIII RBA,
com pintura
da Gruta do
Caboclo (MG).
Projeto gráfico
de Marcos
Brito e arte
final do Centro
de Produção
Audiovisual da
UFMG (Marcus
Ferreira e
Magela
Perpétuo).
Apoio do
Banco
Mercantil do
Brasil.
Fonte:
AEL/ Unicamp.